

Fernando Pessoa(s)

O poeta e a multidão em seu corpo

BÁRBARA SALOMÃO, REMO SARAIVA, ROBERTO MUGGIATI E TALITHA GOMES FERRAZ

bsalomao@hotmail.com • remosaraiva@bol.com.br • gfgtalitha@hotmail.com



Como pode um corpo abrigar mais de vinte almas, mais de vinte personalidades distintas?

Como pode um autor comportar mais de vinte outros autores, múltiplos, diversos e ao mesmo tempo antagônicos e complementares? A resposta imediata seria Fernando Pessoa através de suas facetas de si mesmo, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Bernardo Soares – e isto se atendo apenas aos mais importantes do ponto de vista da criatividade literária e da qualidade dos textos.

O que existe primeiro, entretanto, não é o poeta, mas o texto. Para o filósofo alemão Heidegger, "a linguagem é a casa do ser". Pessoa não gerou heterônimos (que é a obra do autor fora de si), mas sim, textos diversos, dos quais, mais tarde, surgiram as personalidades que os criaram.

Professora do Departamento de Letras da PUC-Rio e uma das maiores estudiosas da obra de



Fernando Pessoa

Fernando Pessoa no mundo, Cleonice Berardinelli conta que o poeta, em carta escrita em 1935, respondendo ao então jovem crítico literário Adolfo Casais Monteiro, falou sobre a gênese de seus heterônimos.

Pessoa explicou que há nele algo congênito, uma inclinação a criar personagens em torno de si mesmo. O que, na opinião de Cleonice, ele fazia desde menino – algo normal na infância. Seu primeiro heterônimo foi Chevalier de Pas, de quem o "menino"

Fernando Pessoa recebia cartas, que ele mesmo escrevia, aos 6 anos de idade.

O desejo de dialogar consigo mesmo e de ter a possibilidade de se exprimir por várias vozes e criar, portanto, personagens, foi além da infância, prolongando-se por toda a vida do poeta. Ainda na mesma carta destinada a Casais Monteiro, Pessoa disse: "o que eu queria ser era um autor dramático". Daí, o fato de Shakespeare ser seu maior ídolo. Mas o bardo português, como o próprio disse, não conseguiu outrar-se.

"Não criei um drama em personagens, criei um drama em gente", dizia Pessoa. Não se trata de um simples uso de pseudônimo, que é a obra de um autor sob um falso nome. As máscaras ou heterônimos com que Fernando Pessoa assina sua obra constituem, em cada um deles, uma atitude-experiência por ele assumida, como se fossem diversos poetas, todos eles com seu estilo próprio, suas visões de mundo e biografias particulares. Grande conhecedor da astrologia, Pessoa

chegou, inclusive, a fazer os mapas astrais e os horóscopos de suas projeções heteronímicas. "Pus-lhes nomes, fiz-lhes a biografia, dei uma data e depois verifiquei se a data estava certa".

O eu que fala em sua obra é um eu fingidor, ligado ao poeta na modernidade que se instaurava, e não um eu biográfico e confessional, relacionado à atitude romântica de um "coração ao pé da boca", comum às produções poéticas do século XIX. É o que ele afirma no célebre poema Autopsicografia: O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente.

Por não conseguir outrar-se inteiramente, ou seja, criar um personagem com toda carga dramática, criou os heterônimos - variações do próprio eu eclodindo na arte em busca do momento despersonalizante. Eles não chegam a ser personagens, porque, como Pessoa mesmo disse, metaforicamente, nunca pôde cortar o cordão umbilical da mãe que os criou. Quando Shakespeare, o autor dramático realizado, dá luz a um personagem, este passa a viver por sua conta própria. Mantendo a idéia da metáfora pessoana, se o cordão umbilical não foi cortado, o sangue continua a circular.

Cleonice Berardinelli tem outra boa metáfora acerca da questão: Fernando Pessoa é um rio e seus heterônimos são afluentes. A água-mãe é a mesma, mas os afluentes têm destinos diversos; alguns são de água branda e mansa, como Alberto Caieiro, que



vai deslizando sem grande acúmulo nem despencar. Ricardo Reis também é assim, porém, enquanto ele caminha quase sempre em linha reta, Caieiro vai fazendo voltas, retorna, prossegue. É um caminhar nos dois, do ponto de vista da precipitação das águas, suave e lento. Alberto Caieiro seria um autor mais enovelado em si mesmo, enquanto o Ricardo Reis vem e transmite sua mensagem.



**"Não sei quantas
almas tenho.
Cada momento
mudei."**

*Alberto Caieiro, um heterônimo
de Fernando Pessoa*

Há, no entanto, cachoeiras, afluentes em que as águas despencam. Isso é Álvaro de Campos e sua poética torrencial de poemas extensos. Ode Marítima, por exemplo, o mais longo de todos, tem 904 versos. Campos representa na obra de Pessoa a torrencialidade da abundância discursiva.

Em outra oportunidade, o poeta escreveu uma carta a dois psiquiatras franceses, em que, como se estivesse buscando-se em um divã, abriu-se e diagnosticou a si mesmo. Segundo Cleonice, é uma verdadeira autodiagnose, na qual Fernando Pessoa esmiúça toda subjetividade de seu complexo interior. No cerne de uma análise psicológica mais aprofundada, sua heteronímia e a relação com sua estrutura corporal, nasce a "histero-neurastenia", que é, de acordo com relatos do próprio, uma tendência orgânica e constante para a despersonalização e simulação. É uma necessidade que o autor tem de se expandir. Dizem que finjo ou minto/ Tudo que escrevo. Não./ Eu simplesmente sinto/ Com a imaginação/ Não uso o coração.

Na avaliação da professora, o "histero" tem toda uma carga feminina. O que significa dizer que há em Fernando Pessoa, ao mesmo tempo, uma dicção masculina com uma essência um pouco feminina. Em 1919, quando tinha somente 21 anos, ele confessou em seu diário (escrito em inglês) sentir tal bipartição, ou seja, a existência de um feminino dentro dele que, até então, residia apenas no espírito, porém, que ele temia que não permanecesse lá. Tal questão levanta dúvidas sobre a sexualidade de Pessoa, algo que, na visão de Cleonice, é impertinente. "Pensar em um poeta do tamanho de Fernando Pessoa e questionar se ele era homossexual; e se fosse? Mas não era. Ele era um assexuado", afirma Cleonice Berardinelli.



A professora do Departamento de Letras da PUC-Rio Cleonice Berardinelli, estudiosa da obra de Fernando Pessoa

De acordo com ela, inclusive, muitos críticos bons e sérios comungam desta opinião, "de que havia nele essa incapacidade de realizar plenamente o amor".

Contradição é a marca de Fernando Pessoa. Não sei o que é conhecer-me. Não vejo para dentro./ Não acredito que eu exista por detrás de mim. Seus heterônimos habitavam um só corpo, interagindo e divergindo entre si, cúmplices todos de uma simbiose criativa. O poeta português era um corpo com várias almas, todas a serviço da criação. Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa: Navegar é preciso; viver não é preciso./ Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para casar com o eu sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar./ Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso. Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a minha alma a lenha desse fogo. Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha.

O corpo em Pessoa, segundo Cleonice, não existe. "É um poeta que escreve, que pensa com o espírito, com as idéias, com a sensibilidade. Não há mesmo na poesia dele, senão esporadicamente, uma presença corporal", conclui.



**O poeta português
era um corpo com
várias almas,
todas a serviço
da criação.**

A matéria de sua poesia era, portanto, apreendida através de um olhar espiritual. Seu corpo era apenas o viés da criação. Não sei quantas almas tenho./ Cada momento mudei./ Continuamente me estranho./ Nunca me vi nem acabei./ De tanto ser, só tenho alma./ Quem tem alma não tem calma./ Quem vê é só o que vê./ Quem sente não é quem é./ [...]/ Sou minha própria pai-

sagem;/ Assisto à minha passagem,/ Diverso, móbil e só,/ Não sei sentir-me onde estou./ [...]/ Noto à margem do que li/ O que julguei que senti./ Releio e digo: "Fui eu?"/ Deus sabe, porque o escreveu.

Na busca por essa despersonalização do eu, Fernando Pessoa projeta, em diferentes textos poéticos, personalidades distintas, com fins de atingir o ápice dramático. Nesse ponto, o despersonalizar é o que dá vida ao personagem no drama. Por esta razão, Alberto Caeiro é considerado o "mestre", tanto pelo ortônimo (o próprio Fernando Pessoa) quanto pelos heterônimos. O Casais Monteiro vai dizer que eu estou louco, mas senti que aparecera em mim o meu mestre.

Caeiro era o reflexo que Pessoa gostaria de ver no espelho, como confirmou ao dizer: "Pus nele todo o meu poder de despersonalização dramática". Cleonice explica que, depois que Alberto Caeiro entrou em cena, os versos de Fernando Pessoa e de todas suas máscaras líricas mudaram. Na escala dos graus poéticos literários do autor, Caeiro era o mais alto de todos os heterônimos.

Mas, então, não seria Fernando Pessoa um louco esquizofrênico? Ou, pelo contrário, tão somente um gênio, cuja produção poética multifacetada e com peculiaridades tão intrínsecas a tornam única e sem precedentes na história da poesia ocidental? A própria Cleonice confirma que há um quê de esquizofrenia no poeta. Esquizofrenia, porém, a serviço da criatividade.

